

*Bons-Brasis*

**A**lgumas dezenas de milhares de pessoas (as estimativas, como sempre, atendem a todos os gostos, variando de 30 mil a 70 mil) — a maioria absoluta, operários — se reuniram essa quinta-feira em São Bernardo do Campo para dizer não à recessão e ao desemprego. O clima das últimas semanas estimulou a participação de alguns empresários, sugerindo tratar-se de um evento multinucleado. A rigor, foi manifestação organizada pela Central Única de Trabalhadores (CUT), de que participaram políticos e empresários, entre estes os de autopeças, às voltas com compras menores das montadoras e a pressão que vem da abertura comercial.

A atenção da sociedade está posta em algumas decisões da área automobilística, tais quais o corte de pessoal na General Mo-

# *Uma advertência no ABC*

ESTADÃO DE SÃO PAULO

tors e na Cofap, acompanhada da informação de que a Volkswagen já decidiu adiar, por um mês no mínimo, as obras da fábrica de caminhões e ônibus de Resende, ganha pelo Rio depois de árdua disputa e grandes concessões. A Ford postergou a demissão de 800 pessoas.

Seria temerário afirmar que já se vive uma recessão, à luz da queda do PIB no segundo trimestre, comparativamente ao anterior, pois, comparados aos de 1994, os números ainda se mostram favoráveis. O desaquecimento, porém, se generaliza e é perfeitamente captado pelo Índice de Movimentação Econômica (Imec-Fipe-Estadão), um indicador semanal que vem recuando desde o início de julho, com a única exceção do período de 5 a 12 de agosto. Para alguns, porém, houve uma franca reversão de expectativas. O estoque

de veículos continua muito elevado e é possível que a produção de 1,58 milhão de veículos em 1994 não se repita este ano. A situação é muito mais sensível no setor de autopeças, que enfrenta alíquotas de importação rebaixadas a até 2%, o que também

se aplica a produtores de matérias-primas. Tampouco o índice de nacionalização que deverá ser definido em 70% significará um alívio para as empresas do setor.

A manifestação do ABC deve ser vista como advertência ao governo, do que aliás parece convencido o ministro da Fazenda, Pedro Malan, ao afirmar em São Paulo que "o pior já passou". O presidente Fernando Henrique

26 AGO 1995

Cardoso apelou às montadoras para que não demitem, argumentando que está em curso um processo de redução dos juros (observe-se, por enquanto ainda muito lento) e flexibilização dos depósitos compulsórios das instituições financeiras no Banco Central.

**O governo deve observar que o pior caminho pode ser acentuar o processo de desaquecimento**

piores desde 1992), seja porque parece cada vez mais difícil criar do que destruir postos de trabalho, seja pelo impacto dele sobre as contas públicas. O alerta vale, assim, para todos.